

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2010

ANNA LOUISA KARSCH, A SAFO ALEMÃ O DOM DAS MUSAS E OS PARADIGMAS DA REALIDADE (II)

O epíteto de Safo alemã com que a brindou o seu mentor, o poeta Ludwig Gleim, teve implicações emocionais por parte de Anna Louisa com o poeta em questão. Do longo contacto estabelecido entre ambos, ficou a correspondência¹, bem como um poema, no qual, expressando-se de forma poética mas realista, revela que os seus poemas de amor não foram ditados pela sua experiência amorosa, vivida nos seus casamentos infelizes, mas de uma relação de amor que na realidade sentiu mas que nunca concretizou.

A relação a que alude é com o próprio Ludwig Gleim, que, ao que parece, embora tenha sido um admirador da sua poesia e tenha apoiado e acarinhado a sua carreira literária, não lhe correspondeu, em termos amorosos.

Pensa-se que foi na casa dele que Anna Louisa conheceu o Cónego Friedrich Eberhard von Rochow, proprietário de terras, escritor e pedagogo da Aufklärung, de cuja troca de impressões terá surgido o poema seguinte².

«Ao Cónego von Rochow,³

¹ Sobre este assunto ver Uta Pott, *Briefgespräche. Über den Briefwechsel zwischen Anna Louisa Karsch und Johann Wilhelm Ludwig Gleim*, Gottingen, Wallstein Verlag, 1998.

² Renata Schostack, *Das Traumglück des Dichters, (A Felicidade do Sonho do Poeta), 1000 Deutsche Gedichte und ihre Interpretationen*, Marcel Reich-Ranicki, Erster Band, Insel Verlag, 1995, pp. 221-223.

³ «An den Dohmherrn von Roshow/als er gesagt hatte,/die Liebe müsse sie gelehret haben,/so schöne Verse zu machen// Kenner von dem saphischen Gesänge!/Unter deinem weissen Überhange Klopft ein Herz, voller Gluth in dir!/Von der Liebe ward es unterrichtet,/Dieses Herz, aber ganz erdichtet/

Nennst du sie die Lehrerin von mir!//Meine Jugend ward gedrückt von Sorgen,/Seufzend sang an manchem Sommermorgen/Meine Einfalt ihr gestammelt Lied!//Nicht dem Jüngling thöneten Gesänge,/Nein, dem Gott, der auf der Menschen Menge,/Wie auf Ameishaufen niedersieht!//Ohne Regung, die ich oft beschreibe,/Ohne Zärtlichkeit ward ich zum Weibe,/Ward zu Mutter! Wie im wilden

quando disse
que o amor lhe devia ter ensinado
a escrever versos tão belos

Conhecedora dos cânticos de Safo!
Sob os teus ressaltos brancos,
Bate um coração, cheio de ardor por ti!
Pelo amor foi este coração ensinado,
Mas é completamente imaginado
O que da minha professora dizes vir.

A minha juventude foi oprimida por tormentos,
Em manhãs de verão, cantei, suspirando,
A minha inocência, sua canção balbuciada;
Não foi para o jovem que soaram os cantos,
Não para Deus, que, a multidão dos homens,
Como que em formigueiros observa!

Sem o entusiasmo que tanto descrevo,
Sem meiguice, tornei-me mulher,
Tornei-me mãe! Como na feroz guerra,
Por amar deveria uma rapariga ficar,
Beijada, um tanto à força, por um soldado,
Que erigiu os muros de uma cidade.

Para os conhecedores do amor cantei:
Depois, penso no mais terno dos homens,
Que sempre quis, nunca alcancei;

Krieg,/Unverliebt ein Mädchen werden müßte,/Die ein Krieger halb gezwungen
küßte,/Der die Mauer einer Stadt erstieg.//Sing ich Lieder für der Liebe Kenner://Dann
denk ich den zärtlichsten der Männer,/

Denn ich immer wünchte, nie erhielt.//Keine Gattin küßte je getreuer./Als ich
der Sapho sanftem Feuer/

Lippen küßte, die ich nie gefühlt!//Was wir heftig lange wünschen
müssen,/Und was wir nicht zu erhalten wissen,/Drückt sich tiefer unserm Herzen
ein;/Rebensaft verschwendet der Gesunde,/Und erquickend schmeckt des Kranken
Munde/Auch im Traum der ungetrunckne Wein.» (Anna Louisa Karsch, *Elisabeth
Borchers, Gedichte Berühmter*, pp. 60-61).

Esposa alguma beijou mais fielmente
Que eu, que no fogo brando de Safo,
Lábios que nunca senti, bejei!

O que tão longa e veementemente desejamos,
E alcançar não sabemos,
Pesa, no nosso coração, no fundo atingido;
Sumo de uva esbanja quem tem saúde,
E, revigorante, na boca do doente, sabe bem,
Também no sonho, o vinho não bebido.

Anna Louisa Karsch deixou a sua semente literária na sua descendência. Foi mãe da poetisa Karoline Louise von Klencke Karoline e avó de Helmine von Chézy.

Com efeito, a partir de meados do século XVIII, século do Iluminismo e do racionalismo, foi permitido o acesso das mulheres à educação e à escrita, de que resultou, como se depreende do que expusemos, que várias mulheres se impuseram como poetisas e escritoras, cujo talento foi reconhecido na época, bem como as posições que assumiram, no novo contexto social, que, de alguma forma, lhes abria algumas portas. No entanto, esta afirmação de autonomia feminina gerava conflitos e numerosas polémicas, pois entrava em conflito com a necessidade de reservar à mulher a sua função como guardiã do lar.

A desintegração da sociedade aristocrática e feudal, ao longo do séc. XVIII, dera origem a uma nova classe burguesa, para a qual a pequena família era a forma de organização central. A distribuição dos papéis feminino e masculino era assunto de debate e controvérsia, desde os finais do Barroco. A família tornara-se, cada vez mais, o refúgio da sentimentalidade e virtude da sociedade burguesa⁴. A necessidade de garantir a sua continuidade não se coadunava com a actividade que as mulheres começavam a desenvolver, fora do âmbito restrito das actividades domésticas.

⁴ Wolfgang Beutin/Klaus Ehlert/Wolfgang Emmerich/Helmut Hoffacker/Bernd Lutz/Volker Meid/Ralf Schnell/Peter Stein/Inge Stepen, *História da Literatura Alemã das Origens à Actualidade, Volume 1*, Tradução de Anabela Mendes/Fernanda Gomes/Manuela Ribeiro Sanches/Maria Assunção P. Correia/Teresa Cadete, Apaginastantas/Edições Cosmos, Lisboa, 1993, p. 211.

O assunto era debatido por escritores e filósofos. Em 1795, Friedrich Schiller (1759-1805), que Anna Louisa admirava, tendo-lhe dedicado um poema, escrito em Berlim, a 4 de Maio de 1786, escrevera «Würde der Frauen» («A dignidade das Mulheres»), ao longo do qual caracteriza o mundo masculino frio e racional, em oposição ao mundo feminino, no qual a mulher, não só é enaltecida com grande beleza, como é considerada guardiã da moral e dos costumes⁵.

No entanto, um outro poema, escrito por Schiller em 1789, *Die berühmte Frau (A mulher famosa)*, que tem como subtítulo *Epistel eines Ehemanns an einen andern (Carta de um homem casado a outro homem)*⁶ no qual ridicularizou a escritora Ninon de l'Enclos, manifestando compaixão pelo marido da mesma, pois a sua actividade de escritora lhe rouba todo o tempo, preferindo esta correr a ler as recensões críticas, descuidando o cuidado da casa, do marido e dos filhos, remete mais directamente para o motivo invocado pelo primeiro marido que a enviou para a casa da mãe, sem qualquer sustento, por não dar a devida atenção às tarefas domésticas.

As dificuldades com que se debateram as primeiras escritoras, a necessidade de se desdobrarem para dar resposta às necessidades familiares e a necessidade de seguirem uma carreira profissional paralela parece nunca ter sido fácil nem muito bem aceite ou compreendida pelos homens, oscilantes entre o ideal e a sátira.

As dificuldades que Anna Louisa Karsch sentiu e, de forma realista e clara, expressou, são, na sua essência, as mesmas que as mulheres actuais têm que enfrentar. Apesar da incompreensão e da crítica acerba do marido, não deixou para a posteridade a imagem de ter sido uma mãe má ou desatenta. Na sua descendência, conforme referimos, deixou uma filha e uma neta que foram escritoras⁷.

Outras mulheres se distinguiram, no século XVIII, tendo alcançado fama, entre a intelectualidade do tempo e começando a dar expressão a movimentos feministas. Uma delas, Christiana Mariana Ziegler (1695-1760), de quem Gottsched foi mentor e apoiante, foi o primeiro membro feminino da

⁵ Sobre este assunto ver M.S. Barroso, Friedrich Schiller «A dignidade das mulheres», seguido do ensaio *A harpa estrangulada do silêncio*, *Boletim de Estudos Clássicos*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Volume 14, Dezembro, 2005, pp. 181-194.

⁶ Friedrich Schiller *Sämtliche Gedichte und Balladen*, pp. 205-209.

⁷ Wilhelmine Christiane de Chézy (1783-1856) foi poeta e libretista.

Deutsche Gesellschaft, em Leipzig. O seu discurso de aceitação teve como tópico «Se deveria ser permitido às mulheres aspirarem à erudição.» («Ob es dem Frauenzimmer erlaubt sey, sich nach den Wissenschaften zu bestreben.»).

Christiana Mariana Ziegler foi a primeira mulher alemã a ser distinguida como poeta laureada por uma universidade, no caso, a Universidade de Wittenberg, em 1733. Outra poetisa, Sidónia Hedwig Zäunemann (1714-1740), foi também coroada como poeta imperial pela Universidade de Göttingen, em 1738.

Ambas levantaram publicamente a voz pelo seu sexo. Christiana Mariana Ziegler chamou a atenção, em particular, para a necessidade de instrução das mulheres. Sidónia Hedwig Zäunemann escreveu, de forma aberta e positiva, sobre a importância da autonomia das mulheres. No seu poema «A felicidade de uma mulher solteira» («Jungfern- Glück»), é notavelmente moderna a forma como exalta a liberdade das mulheres solteiras, bem como os comentários que faz aos abusos físicos de que as mulheres, muitas vezes, eram vítimas, no casamento. A sua independência foi complementada pela sua competência poética. A poesia serviu de base aos libretos das oratórias de Bach⁸.

Para Ana Louisa Karsch, a Safo que não saltou do rochedo de Lêucade, a arte como realização dos sonhos encontra eco artístico e emocional em paradigmas da actualidade.

O seu nome figura numa rua de Berlim.

MARIA DO SAMEIRO BARROSO

⁸ Helen Watanabe-O'Kelly, *op. cit.*, p. 230.